

IDENTIDADE CULTURAL, PRESERVAÇÃO DE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: FESTA DA MOÇA NOVA, NA COMUNIDADE INDÍGENA SANTA ROSA, TABATINGA-AM

CULTURAL IDENTITY, PRESERVATION OF MEMORIES
AND HISTORIES: THE FESTIVAL OF THE YOUNG WOMAN IN THE
INDIGENOUS COMMUNITY SANTA ROSA, TABATINGA-AM

IDENTIDAD CULTURAL, PRESERVACIÓN DE MEMORIAS
E HISTORIAS: FIESTA DE LA MUCHACHA NUEVA,
EN LA COMUNIDAD INDÍGENA SANTA ROSA, TABATINGA-AM

Rosalina Davila Larrondo¹

 0009-0002-9079-8070
larrondorosalina@gmail.com

Rosária Davila Torres²

 0009-0002-1931-597X
davilarosaria126@gmail.com

Adnilson de Almeida Silva³

 0000-0003-2555-0861
adnilson@unir.br

1 Indígena do povo Kokama. Licenciada em Geografia/Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESTB. Mestranda em Geografia/Universidade Federal de Rondônia – UNIR. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9079-8070>. E-mail: larrondorosalina@gmail.com.

2 Licencianda em Pedagogia/Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESTB. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1931-597X>. E-mail: davilarosaria126@gmail.com.

3 Licenciado e Mestre em Geografia/UNIR. Doutor em Geografia/Universidade Federal do Paraná. Professor no Departamento e Programa de Pós-Graduação em Geografia/UNIR. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2555-0861>. E-mail: adnilson@unir.br.

Agradecimentos: Agradecemos à CAPES pela concessão de Bolsa de Mestrado; ao CNPq pelo apoio financeiro ao Projeto “Territorialidades e marcadores territoriais das terras indígenas da Amazônia: diálogos e sinapses socioculturais”, Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 - Faixa A - Grupos Emergentes; à FAPERJ pelo apoio financeiro ao Projeto “Marcadores territoriais das terras indígenas da Amazônia: diálogos em contextos socioculturais” Chamada FAPERJ PAP/Universal nº 05/2023; às pessoas que concederam as entrevistas e à Secretaria Municipal de Educação de Tabatinga – Amazonas, pela viabilização de apoio técnico.

Artigo recebido em setembro de 2025 e aceito para publicação em novembro de 2025.

RESUMO: Este trabalho apresenta a rica manifestação cultural do ritual da Festa da Moça Nova, praticado pela etnia Tikuna na Comunidade Indígena Santa Rosa, localizada em Tabatinga, Amazonas. Este ritual, é de profundo significado para a Comunidade, pois marca a transição de meninas para a vida adulta, celebra a feminilidade e a continuidade cultural. A análise fundamental é a identidade cultural Tikuna, em que se busca compreender suas nuances, significados e a importância de sua preservação. Os objetivos foram: analisar as etapas do ritual, descrever seus símbolos e significados, investigar o papel da festa na transmissão de conhecimentos tradicionais e avaliar os desafios para sua preservação em um contexto de mudanças sociais. A metodologia empregada envolve a abordagem qualitativa e descritiva, com entrevista de algumas pessoas que participaram do ritual em Santa Rosa, mediante suas percepções e experiências de observações participante das celebrações, com registro de detalhes dos rituais, cantos, danças e vestimentas. Os resultados da pesquisa revelaram a complexidade e a riqueza da Festa, destaca-se seu papel como momento de celebração da subjetividade, aprendizado e fortalecimento dos laços comunitários. O ritual é marcado por etapas, cada uma com seus próprios símbolos e significados, que transmitem ao povo Tikuna da Comunidade, conhecimentos sobre sua cultura, tradições, crenças, costumes e histórias. Nas conclusões, a Festa se revelará como patrimônio cultural imaterial de valor inestimável, que merece ser preservado e valorizado.

Palavras-chave: Festa da Moça Nova. Identidade Cultural. Preservação de Memórias e Histórias. Celebração da subjetividade. Comunidade Indígena Santa Rosa.

ABSTRACT: This study presents the rich cultural manifestation of the *Festa da Moça Nova* (Festival of the Young Woman), a ritual practiced by the Tikuna people in the Indigenous Community Santa Rosa, located in Tabatinga, Amazonas, Brazil. This ritual holds profound significance for the community, as it marks the transition of girls into adulthood, celebrating femininity and cultural continuity. The central focus of the analysis is Tikuna cultural identity, seeking to understand its nuances, meanings, and the importance of its preservation. The objectives were: to analyze the stages of the ritual, describe its symbols and meanings, investigate the role of the festival in the transmission of traditional knowledge, and assess the challenges to its preservation in a context of social change. The methodology employed was qualitative and descriptive, including interviews with participants of the ritual in Santa Rosa, based on their perceptions and experiences, along with participant observation during the celebrations, recording details of the rituals, songs, dances, and traditional garments. The results reveal the complexity and richness of the Festival, highlighting its role as a moment of celebration of subjectivity, learning, and strengthening of community bonds. The ritual is composed of several stages, each with its own symbols and meanings, which transmit to the Tikuna people knowledge about their culture, traditions, beliefs, customs, and histories. In conclusion, the *Festa da Moça Nova* is recognized as an invaluable element of intangible cultural heritage that deserves preservation and appreciation.

Keywords: *Festa da Moça Nova*. Cultural Identity. Preservation of Memories and Histories. Celebration of Subjectivity. Indigenous Community Santa Rosa.

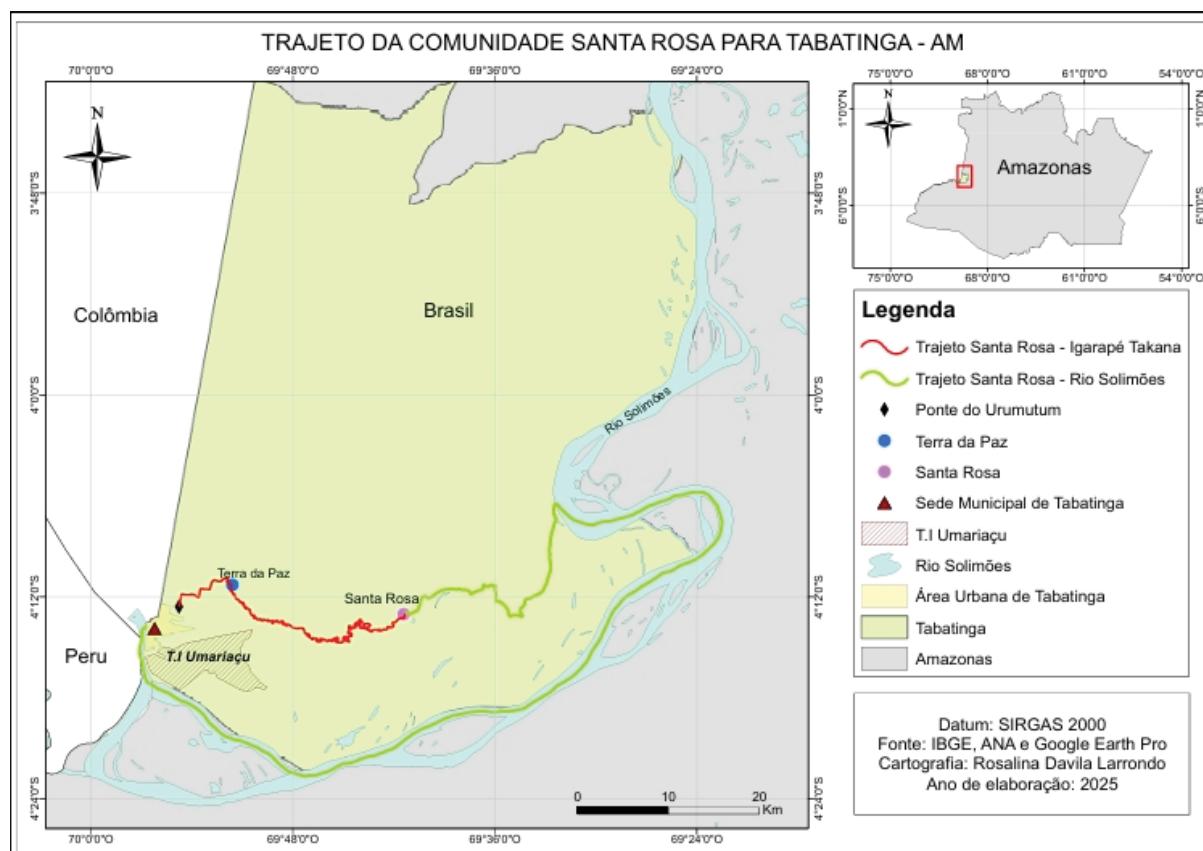
RESUMEN: Este trabajo presenta la rica manifestación cultural del ritual de la *Fiesta de la Muchacha Nueva*, practicado por el pueblo Tikuna en la Comunidad Indígena Santa Rosa, ubicada en Tabatinga, Amazonas. Este ritual posee un profundo significado para la comunidad, ya que marca la transición de las niñas a la vida adulta, celebra la feminidad y la continuidad cultural. El eje central del análisis es la identidad cultural Tikuna, buscando comprender sus matices, significados y la importancia de su preservación. Los objetivos fueron: analizar las etapas del ritual, describir sus símbolos y significados, investigar el papel de la fiesta en la transmisión de los saberes tradicionales y evaluar los desafíos para su preservación en un contexto de

transformaciones sociales. La metodología empleada se basa en un enfoque cualitativo y descriptivo, con entrevistas a algunas personas que participaron en el ritual en Santa Rosa, considerando sus percepciones y experiencias de observación participante de las celebraciones, con registro de los detalles de los rituales, cantos, danzas y vestimentas. Los resultados de la investigación revelaron la complejidad y la riqueza de la Fiesta, destacando su papel como un momento de celebración de la subjetividad, de aprendizaje y de fortalecimiento de los lazos comunitarios. El ritual se compone de diversas etapas, cada una con sus propios símbolos y significados, que transmiten al pueblo Tikuna de la comunidad conocimientos sobre su cultura, tradiciones, creencias, costumbres e historias. En las conclusiones, la Fiesta se presenta como un patrimonio cultural inmaterial de valor incalculable, que merece ser preservado y valorizado.

Palabras clave: Fiesta de la Muchacha Nueva. Identidad cultural. Preservación de memorias e historias. Celebración de la subjetividad. Comunidad Indígena Santa Rosa.

INTRODUÇÃO

A Comunidade Indígena Santa Rosa, localizada em Tabatinga - Amazonas, dentro da Terra Indígena Évare I é habitada pelo povo Tikuna, um dos maiores povos indígenas da região Norte do Brasil, na tríplice fronteira entre Tabatinga/Brasil, Santa Rosa/Peru e Leticia/Colômbia. Fundada em 15 de março de 1970, às margens do igarapé do Takana VI, pelo Sr. Severino Rosa Ancelmo e sua família, atualmente tem como liderança principal o cacique Sr. Carmelito Saldanha Bernaldo e o vice cacique Sr. Fernando Saldanha Ancelmo.



Fonte: IBGE, ANA e Google Earth Pro (2025).

Figura 1. Localização da Comunidade Indígena Santa Rosa, Tabatinga-AM.

Dentre as muitas expressões culturais que compõem a identidade Tikuna, destaca-se a Festa da Moça Nova, ritual de passagem carregado de simbolismo e ancestralidade, realizado para marcar a transição de meninas à vida adulta.

Este trabalho propõe-se a investigar a Festa da Moça Nova como elemento central da identidade cultural Tikuna, em que se destaca a importância como patrimônio cultural imaterial. O ritual celebra a feminilidade e o amadurecimento, bem como funciona como instrumento de transmissão de saberes ancestrais, reafirmação de valores comunitários e preservação da memória coletiva.

Tem como objetivos analisar as etapas do ritual, descrever seus símbolos e significados, compreender o papel da celebração na transmissão dos conhecimentos tradicionais e refletir sobre os desafios enfrentados para sua preservação em um contexto de constantes transformações sociais. Para tanto, foi adotada a abordagem qualitativa e descritiva, com base em entrevistas com membros da Comunidade que participaram diretamente das celebrações, além da observação participante dos rituais, cantos, danças e vestimentas.

Diante da complexidade e da riqueza cultural da Festa da Moça Nova, espera-se que esta pesquisa contribua para o reconhecimento do valor simbólico e identitário da celebração, promova sua valorização e preservação, bem como o fortalecimento dos direitos culturais dos povos indígenas.

A análise detalhada da metodologia empregada, que combina a profundidade da observação participante com a riqueza das narrativas obtidas nas entrevistas, confere robustez aos achados da pesquisa e garante a imersão etnográfica no universo Tikuna. A escolha por métodos qualitativos e descritivos é fundamental para capturar as matizes e os sentidos múltiplos que o ritual assume na vida comunitária, de modo a perpassar a descrição superficial. Ao dar voz aos participantes e valorizar sua perspectiva êmica – isto é a partir da lógica interna –, o estudo documenta o patrimônio cultural imaterial, bem como se alinha à ética de pesquisa que reconhece a agência indígena e contribui para a produção de conhecimento mais horizontal e engajado com a causa da diversidade cultural.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa apoia-se em autores que discutem de modo interdisciplinar os conceitos de identidade, memória, ritual e patrimônio cultural. Hall (2006) propõe compreender a identidade cultural não como essência fixa, isto é, como processo de construção e reconstrução contínua, produzido na relação entre passado e presente, entre tradição e mudança. Essa perspectiva é imprescindível para entender as transformações que atravessam os povos originários, cuja identidade é constantemente (re)negociada diante das pressões externas e das estratégias internas de resistência. A identidade, portanto, é concebida como prática discursiva e histórica, vinculada a contextos de poder e representação.

No mesmo horizonte, Nora (1993) introduz a noção de lugares de memória como espaços simbólicos onde a coletividade ancora lembranças, narrativas e pertencimentos. Esses lugares – materiais, simbólicos ou funcionais – emergem especialmente quando a memória viva corre risco de desaparecimento. No caso da Festa da Moça Nova, o ritual funciona como um verdadeiro *lieu de mémoire* Tikuna, no qual o passado é atualizado e transmitido às novas gerações por meio de práticas corporais, cantos, danças e objetos ritualísticos. Assim, a festa representa simbólica e simultaneamente um ato de lembrança e de criação identitária.

Turner (2013), ao estudar os processos rituais, interpreta o rito como estrutura de transição e reafirmação social. Sua noção de *liminaridade* e *communitas* ilumina o papel da Festa da Moça Nova

como momento de suspensão das hierarquias sociais e fortalecimento dos laços coletivos, em que a comunidade se reinventa e reactualiza suas fronteiras simbólicas. O ritual, nesse sentido, constitui-se como dispositivo de aprendizagem moral e cultural, que atua tanto no nível individual (a iniciação da jovem) quanto coletivo (a reafirmação da coesão comunitária).

Como contribuição na análise, Eliade (2010), ao discutir o sagrado, corrobora com a compreensão de que os rituais são momentos de recriação da ordem simbólica e cósmica. O rito permite a reactualização do tempo mítico e a reintegração do humano com as forças da natureza e dos ancestrais. Na cosmologia Tikuna, essa dimensão sagrada é visível nas pinturas corporais, nas oferendas e nas danças, que celebram a passagem à vida adulta, e, restabelecem a harmonia entre o mundo visível e o invisível, entre o corpo e o território.

No campo da cultura e da patrimonialização, Canclini (2015) e Arantes (2000) abordam a tensão entre tradição e modernidade, de modo que evidenciam a valorização do patrimônio imaterial não deve ser vista como mera preservação do passado, porém deve ser percebida como estratégia de negociação cultural.

Canclini (2015) aborda sobre o papel de “culturas híbridas” para descrever os modos como grupos subalternizados reconfiguram suas práticas diante das dinâmicas globais. Arantes (2000), por sua vez, defende que o reconhecimento do patrimônio é um ato político, que deve garantir cidadania e participação aos grupos detentores das práticas culturais. Assim, pensar a Festa da Moça Nova como patrimônio implica compreender os mecanismos de poder e os riscos de folclorização quando o olhar externo (do Estado ou da sociedade majoritária) interfere em sua dinâmica própria.

Autores indígenas e indigenistas, como Baniwa (2006) e Oliveira (2016), reforçam a importância da territorialidade e da educação intercultural como dimensões da afirmação identitária. Baniwa (2006) argumenta que o fortalecimento das culturas indígenas depende da transmissão intergeracional de saberes e da autonomia epistemológica dos povos.

Oliveira (2016) destaca que o território indígena é considerado como espaço de memória e resistência, no qual a cultura se manifesta como modo de habitar e de interpretar o mundo. Nessa perspectiva, o ritual Tikuna da Moça Nova pode ser compreendido como uma pedagogia simbólica – um modo próprio de ensinar e aprender – que consolida o vínculo entre o corpo feminino, o território e o sagrado, com a finalidade de garantir a continuidade cultural diante das pressões da modernidade.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou a abordagem qualitativa e descritiva, voltada à compreensão da Festa da Moça Nova como expressão cultural e cosmogônica do povo Tikuna. Trata-se de investigação orientada pela perspectiva dos próprios sujeitos envolvidos, em que considera as experiências vividas, as práticas simbólicas e os saberes compartilhados em seus contextos territoriais e identitários.

A construção metodológica fundamentou-se na imersão e no respeito aos modos de vida do coletivo indígena, compreendido, como portador de identidade sociocultural construída na experiência socioespacial, com base em cosmogonia própria e relação simbiótica com o território (Almeida Silva, 2010). Assim, buscou-se interpretar os elementos simbólicos e rituais que constituem a Festa da Moça Nova como parte do processo de reafirmação territorial e identitária.

Foram utilizadas duas estratégias principais: entrevistas semiestruturadas e observação participante. Essas foram realizadas com mulheres professoras indígenas e não indígenas e demais

participantes do ritual, com o objetivo de compreender as representações simbólicas que marcam suas territorialidades e identidades. Essa escuta atenta se justifica pela necessidade de acessar os sentidos atribuídos às práticas culturais, considerada a visão cosmogônica que, orienta os coletivos indígenas em seu modo de representar-se e ser representados no mundo (Almeida Silva, 2010).

A observação participante permitirá captar, de modo sensível e denso, os detalhes simbólicos do ritual – como cantos, danças, pinturas corporais, indumentárias e encenações – e favorece o envolvimento do pesquisador na vivência comunitária. Essa presença ativa proporciona maior compreensão das múltiplas dimensões da imaterialidade cultural, que, se expressa pelos sentimentos, representações simbólicas e experiências do sagrado, em momentos tanto de harmonia quanto de conflito (Almeida Silva, 2010).

Complementarmente, tem-se a análise documental de registros sobre o povo Tikuna, além de estudos de referência sobre rituais e territorialidades de outros povos indígenas, com destaque para o ritual Mapimaí dos Paiter Suruí (Maretto; Suruí; Almeida Silva, 2015). Esse ritual atua como marcador simbólico de criação do mundo e de territorialidade, o que é fundamental para a construção da identidade coletiva. A abordagem desses autores permite compreender como os rituais tradicionais articulam espaço, ancestralidade e resistência cultural.

Essa triangulação metodológica, que articula dados empíricos e referenciais teóricos indígenas na Geografia, busca garantir maior sensibilidade, fidelidade e validade à análise. Ressalta-se, por exemplo, a importância de considerar a floresta como espaço de vida e interação com os espíritos ancestrais, “mantendo a cultura viva” (Maretto; Suruí; Almeida Silva, 2015, p. 180), o que reforça o vínculo indissociável entre cosmogonia, natureza e território.

Com essa abordagem, espera-se construir análise comprometida com a memória, o território e a identidade Tikuna, reconhecida pela Festa da Moça Nova, como patrimônio cultural imaterial que sintetiza múltiplas dimensões da vida, do sagrado e da resistência indígena.

O estudo adota ainda a abordagem qualitativa e descritiva, com ênfase na etnografia interpretativa. As técnicas utilizadas incluem entrevistas semiestruturadas com professoras indígenas e observação participante durante o ritual. A análise dos dados baseou-se na Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), para a identificação de categorias emergentes: transição, ensino simbólico, ancestralidade e resistência. O registro fotográfico e as falas foram triangulados com literatura especializada, o que garante validade interpretativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados preliminares da pesquisa apontaram para a relevância simbólica e educativa da Festa da Moça Nova, confirmam o papel do ritual como marco identitário fundamental para os Tikuna. As primeiras entrevistas realizadas com professoras indígenas residentes na Comunidade e ex-professoras que já presenciaram o ritual que relataram que a celebração vai além de uma cerimônia de passagem: ela constitui um momento de reafirmação dos saberes tradicionais, da coletividade e da continuidade cultural.

Os resultados apontam que a Festa da Moça Nova ultrapassa o sentido de rito de passagem, constitui-se como processo educativo e político de reafirmação identitária. As etapas do ritual – reclusão, preparação, celebração e socialização – expressam dimensões do corpo, do território e do sagrado. O corte de cabelo simboliza o renascimento e a purificação; as danças e os cantos

representam o vínculo com os ancestrais; as bebidas rituais (caicuma e pajuaru) simbolizam partilha e continuidade comunitária. Conforme Turner (2013), o ritual articula *liminaridade* e *communitas*, ao tempo em que renova os laços sociais.

De acordo com as entrevistadas, este ritual marca simbolicamente a passagem da menina Tikuna à vida adulta e é considerado, na perspectiva comunitária, equivalente à celebração dos 15 anos na cultura ocidental. Entretanto, sua dimensão simbólica, social e espiritual transcende o caráter meramente comemorativo, configura-se como rito de passagem essencial para a reafirmação da identidade coletiva, da ancestralidade e da territorialidade Tikuna.

Conforme observado, o ritual se inicia com a reclusão da jovem, após sua primeira menstruação, que pode durar entre sete e quinze dias, varia conforme os valores familiares e o grau de preparação. Durante esse tempo, a menina permanece isolada sob um mosquiteiro, onde fica protegida para que maus espírito não a incomodem, recebe cuidados especiais e orientações das mulheres mais velhas da Comunidade. Trata-se do momento de introspecção, aprendizagem e conexão com os saberes ancestrais, que prepara a jovem para o novo papel que assumirá socialmente.

Os familiares da jovem, usam seus instrumentos musicais como “Tutus”, pequenos tambores com pele esticada de cobra sucuri e de outros animais, “maracás” feito com vara, caroços, sementes e penas de aves, e canções, para convidar os moradores da Comunidade e de outras Comunidades vizinhas. Fazem círculos, dançam e tocam instrumentos ao redor das casas dos convidados, essa é a maneira de convite para a Festa da Moça Nova.

Ao término do período de reclusão, realiza-se a celebração pública, sendo a jovem escondida dentro de um “curral” na casa da moça nova, para que o público não a veja até o momento da celebração, que envolve elementos simbólicos e rituais profundos. Dentro desse espaço a moça fica rodeada com os presentes que seus familiares oferecerão a seus convidados, preferencialmente pedaços de carne de caça. As Figuras 2 e 3 demonstram partes desse ritual.

Um dos momentos centrais é o corte do cabelo da jovem, que representa a transição de fase e renovação espiritual. Tradicionalmente, esse corte era feito fio a fio, um processo doloroso e extremamente simbólico. No entanto, conforme relatos da Comunidade, hoje essa prática foi transformada: os cabelos são cortados de modo ritualístico, enquanto os participantes dançam ao redor da jovem, o que confere ao ato um caráter coletivo e festivo, pleno de significados e representações simbólicas.



Fonte: Marizane Lobato Bernaldo (2022).

Figura 2. Casa de Festa da Moça Nova e Curral.

Figura 3. Apresentação das moças.

Outro aspecto importante observado é a dança do macaco prego, representada por uma figura mascarada que gira incessantemente ao redor da moça, e impede que qualquer pessoa se aproxime durante o momento de sua apresentação pública. O mesmo é encarregado de passar tinta de jenipapo e urucum nos convidados. Esta dança possui forte conotação protetiva e simbólica, de modo que constitui-se como marcador da importância da jovem dentro da ritualística.

Durante a festividade, que dura três dias, a caiçuma, o pajuaru e o caldo de pajuaru – bebidas tradicionais produzidas a partir da mandioca fermentada – assumem papel central na dinâmica simbólica e social do ritual, logo, são elementos indispensáveis à cultura Tikuna. Muito além de seu valor alimentar, essas bebidas são marcadores de pertencimento e instrumentos de sociabilidade.

Sua elaboração e consumo coletivos promovem a articulação entre corpo, território e espiritualidade, elementos fundamentais para a cosmologia Tikuna. A fermentação da mandioca – processo biológico e simbólico – remete à transformação, à passagem do tempo e à própria noção de “amadurecimento”, conceito que dialoga com o sentido iniciático da Festa da Moça Nova.

Do ponto de vista antropológico, o ato de compartilhar alimentos e bebidas rituais pode ser compreendido como expressão de *communitas* (Turner, 2013), momento em que se dissolvem as hierarquias sociais para reafirmar o sentimento de unidade e pertencimento. A partilha da caiçuma e do pajuaru reforça a coesão do grupo, visto que funciona como gesto performativo de integração comunitária. Cada cuia servida é, simbolicamente, um elo que reafirma laços de reciprocidade, solidariedade e continuidade cultural. Trata-se, portanto, de um rito de comunhão que traduz valores éticos e cosmológicos.

Ao mesmo tempo, a preparação dessas bebidas constitui-se como espaço pedagógico e de transmissão de saberes intergeracionais. As mulheres mais velhas, ao ensinar as jovens o modo correto de fermentar, mexer e servir as bebidas, perpetuam conhecimentos ancestrais e valores de cuidado e coletividade. Nessa dimensão, a cozinha ritual não é apenas o local de produção material, antes de tudo é um território de ensino e preservação cultural – o que Baniwa (2006) denominaria “educação indígena viva”. A oralidade, o gesto e a experiência sensorial convertem-se em linguagens educativas que consolidam identidades femininas e comunitárias.

Sob a perspectiva simbólica, a caiçuma e o pajuaru também materializam o vínculo do povo Tikuna com a floresta e o ciclo da natureza. Como observa Eliade (2010), os ritos de preparação e partilha de alimentos são modos de atualização do sagrado no cotidiano, pois reconstituem o equilíbrio entre o humano, o vegetal e o espiritual. Nesse sentido, as bebidas fermentadas podem ser vistas como mediações entre mundos: o alimento transformado pela ação do tempo e da natureza converte-se em substância ritual, capaz de reanimar a ligação entre os vivos e os ancestrais.

Do ponto de vista político e patrimonial, tais práticas apontam tensões entre tradição e modernidade. Como destaca Canclini (2015), a cultura popular e indígena enfrenta processos de hibridização e apropriação simbólica diante da sociedade majoritária. A Festa da Moça Nova, ao manter o uso das bebidas tradicionais, resiste à homogeneização cultural imposta pela modernidade e reafirma a autonomia simbólica do povo Tikuna.

Arantes (2000) argumenta que o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial deve ir além da celebração estética, pois contempla os sujeitos produtores da prática e seu contexto sociopolítico. Assim, a valorização das bebidas rituais não se limita a registro folclórico, visto que envolve a luta pelo direito de manter vivas os modos próprios de sociabilidade e espiritualidade.

As bebidas ritualísticas atuam como elementos estruturantes da Festa da Moça Nova, em razão de corporificar o saber feminino, a memória coletiva e a cosmovisão Tikuna, com isso articula dimensões sensoriais, simbólicas e políticas. São, simultaneamente, alimento e linguagem; pedagogia e resistência; passado e presente. Em cada fermentação e em cada partilha, reatualiza-se o ciclo da vida e o compromisso comunitário de preservar a cultura como configuração de existência e de dignidade.

Processo de preparo das bebidas tradicionais

As bebidas tradicionais caiçuma, pajuaru e caldo de pajuaru (payawaru) possuem papel central nas festividades Tikuna, especialmente na Festa da Moça Nova. Elas alimentam o corpo, assim como fortalecem os vínculos espirituais e comunitários, funcionam como expressões simbólicas de partilha, fartura e conexão com os antepassados. O preparo dessas bebidas é um saber transmitido de geração em geração, guardado com zelo pelas mulheres mais velhas, que são as principais responsáveis por conduzir as etapas do processo.

O ritual de preparação e consumo das bebidas (caiçuma, pajuaru e caldo de pajuaru), essencialmente o payawaru, transcende o âmbito da nutrição, visto que adquire a dimensão cosmológica e ritualística. O processo de fermentação e transformação da mandioca, principal matéria-prima, é análogo à própria transformação da jovem inicianda, que passa de menina a mulher.

Essa metamorfose do alimento em bebida fermentada simboliza a passagem, a fertilidade e a capacidade de gerar vida, sendo a bebida a materialização da energia vital que nutre a celebração e a própria comunidade, com isso une os vivos, os mortos e os seres espirituais.

Ademais, a oferta e o consumo coletivo dessas bebidas rituais na Festa da Moça Nova são atos de reciprocidade e de afirmação da ordem social Tikuna. O compartilhamento do payawaru, em grandes quantidades, demonstra a generosidade da família hospedeira e a abundância alcançada por meio do trabalho e da harmonia com a natureza.

Esse momento de convívio e embriaguez ritualística permite a quebra temporária de certas barreiras sociais, visto que intensifica a comunhão e o sentimento de pertencimento. Assim, as bebidas se tornam veículos de comunicação social e de coesão, indispensáveis para a plena realização da festa e para a reafirmação dos laços que definem a identidade Tikuna.

Preparo da Caiçuma

A caiçuma é preparada com macaxeira e cana-de-açúcar, ingredientes que expressam a relação do povo Tikuna com o território e com os elementos da natureza. Após a colheita, a macaxeira e cana-de-açúcar é lavada e cortada em pedaços, e, colocada em uma panela com água para cozinhar lentamente no fogo a lenha. Durante o cozimento, a mistura é constantemente mexida com colher de pau, até adquirir uma consistência mais grossa e homogênea. Em algumas preparações, adiciona-se açúcar, a depender do modo e do gosto de quem prepara.

Ao atingir o ponto desejado, a bebida é deixada fermentar por cerca de três dias, coberta e guardada em local seguro. Ao final da fermentação, obtém-se uma bebida levemente adocicada e de sabor ácido característico. A caiçuma é servida em cuias e compartilhada entre os participantes da festa, e, simboliza a comunhão, o respeito e a alegria coletiva.

O momento do preparo da caiçuma se constitui como espaço de diálogo e transmissão de saberes: enquanto mexem a bebida e observam o fogo, as mulheres mais velhas ensinam às mais jovens os segredos do preparo, contam histórias e reforçam valores de solidariedade e cuidado comunitário. Assim, o ato de fazer a caiçuma ultrapassa o campo alimentar, torna-se uma prática pedagógica e cultural que reafirma a identidade e a ancestralidade Tikuna.

Preparo do Pajuaru e do Caldo de Pajuaru (Payawaru)

Já o pajuaru, ou *payawaru*, é uma bebida mais encorpada e fermentada, preparada com macaxeira, maniva (folha da mandioca) e cana-de-açúcar. O processo inicia-se com a colheita da macaxeira, que é descascada, lavada e ralada, transformada em massa fina. Esta, é então torrada, dá origem à farinha de macaxeira, base principal do pajuaru. Paralelamente, colhem-se as folhas de maniva, que são postas para secar e, em seguida, trituradas ou piladas.

Com os ingredientes prontos, prepara-se um espaço no assoalho da casa, coberto com folhas de bananeira, onde será feita a fermentação. Sobre essas folhas, espalha-se a farinha seca, umedece-a com água e intercala com pedaços de cana-de-açúcar e a maniva triturada. Aos poucos, adiciona-se mais água até que a mistura atinja o ponto ideal. Em seguida, a massa é cuidadosamente coberta com folhas de maniva e folhas de bananeira, permanece assim por cerca de três dias, tempo necessário para a fermentação natural.

Após esse período, a mistura adquire uma textura pastosa e rugosa, indica que o pajuaru está pronto. A massa fermentada é então retirada em pedaços e levada à peneira, onde se extrai o líquido espesso e não espesso, conhecido como pajuaru e caldo de pajuaru (*payawaru*). Este caldo é consumido durante as festividades e partilhado entre todos os presentes, simboliza a fartura, a reciprocidade e a força coletiva.

O preparo do pajuaru é um momento de cooperação e espiritualidade, no qual o trabalho coletivo reafirma o papel das mulheres como guardiãs do saber ancestral e do equilíbrio comunitário. A fermentação, o uso de folhas naturais e a presença da cana e da maniva simbolizam a relação harmoniosa entre os elementos da floresta, a terra e os espíritos protetores, que, de acordo com a cosmovisão Tikuna, acompanham e abençoam o ritual.

Esses alimentos rituais compartilhados entre os participantes, fortalecem os laços sociais e reafirmam a coletividade. Além disso, a festa culmina com grande comilança, que reúne alimentos obtidos por meio da caça, pesca, colheita, e reforça a conexão entre o território, o sagrado e a subsistência.

A vivência desse ritual evidencia como a Festa da Moça Nova representa, para os Tikuna, prática cultural central para a preservação de sua identidade. As festividades indígenas funcionam como rituais de criação e recriação do mundo, atuam como marcadores territoriais e identitários (Maretto; Suruí; Almeida Silva 2015). A presença de danças, cantos, alimentos rituais e grafismos revela cosmogonia própria, onde o território não é exclusivamente físico, antes de tudo é o lugar sagrado onde os saberes ancestrais se atualizam e se perpetuam.

Essas práticas são atravessadas por transformações históricas e adaptações contemporâneas, de modo que mantêm seu sentido simbólico, visto que os rituais indígenas são expressões de territorialidades vividas, marcadas pela intersubjetividade e pela ancestralidade (Almeida Silva, 2010). A Festa, nesse contexto, reafirma-se como patrimônio cultural imaterial, profundamente enraizado nas vivências socioespaciais do povo Tikuna.

A “reinvenção” da tradição, constatada na Festa da Moça Nova, não alude perda de autenticidade, ao contrário, demonstra a dinâmica cultural viva, capaz de absorver elementos externos sem se descharacterizar em sua essência. A globalização e as interações com a sociedade não indígena trazem novos desafios e oportunidades, de modo que exige dos Tikuna a constante negociação de seus espaços de autonomia e a afirmação de suas histórias e vivências perante o mundo. Deste modo, a celebração transcende a função meramente ritualística, visto que torna-se em poderosa ferramenta de resistência e manifesto contínuo pela autodeterminação e pelo respeito à diversidade cultural.

A Festa, ao culminar no ato de perfurar o septo da moça e o corte do cabelo, simbolicamente a insere no ciclo de reprodução social, o que confere-lhe novo status e reafirma o papel da mulher na continuidade do povo e de seus conhecimentos. É o momento de partilha de saberes entre as gerações, onde os mais velhos transmitem as histórias e técnicas ligadas aos grafismos, aos cantos e à confecção dos artefatos rituais.

Essa transmissão intergeracional garante a perenidade dos valores e tradições culturais e espirituais, bem como o fortalecimento do pertencimento étnico, de maneira a solidificar a Festa da Moça Nova como vínculo primordial e vital entre o passado mítico, o presente vivido e o futuro desejado para a identidade Tikuna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a Festa da Moça Nova é um dos principais elementos que constituem a identidade cultural Tikuna em Santa Rosa. O ritual marca a transição simbólica da menina à vida adulta, todavia, perpassa a cerimônia de passagem: ele se apresenta como um momento de reafirmação dos saberes ancestrais, da memória coletiva e da continuidade dos laços comunitários.

Para além do significado intrínseco de iniciação feminina, a Festa da Moça Nova em Santa Rosa funciona como laboratório social onde a cosmologia Tikuna é ativamente performada e renegociada. A complexidade dos preparativos, mediante o envolvimento com a caça, a pesca, a confecção de máscaras e a produção de alimentos rituais, mobiliza toda a comunidade em intensa rede de cooperação e reciprocidade. Essa mobilização garante o sucesso da celebração, reforça a economia da dádiva e os princípios de solidariedade que são indispensáveis para a coesão social Tikuna, visto que transforma o evento em poderoso dispositivo de etnogênese e de gestão territorial.

Ao longo da investigação, observou-se que a Festa da Moça Nova reúne aspectos simbólicos, espirituais, pedagógicos e sociais que revelam cosmovisão própria, onde o corpo, o território e o sagrado estão profundamente entrelaçados. Cada etapa – da reclusão à apresentação pública, é marcada pelos cantos, danças, pinturas, alimentos e indumentárias – reforça a centralidade da tradição e a importância da transmissão oral e vivencial do conhecimento.

Percebe-se ainda que a presença de símbolos como o corte de cabelo, a dança do macaco prego, o uso de jenipapo e urucum, e a oferta de alimentos rituais fortalecem os sentidos de pertencimento, de proteção espiritual e de conexão com os ancestrais. Esses elementos expressam uma cultura viva, que, mesmo diante das transformações históricas e das influências externas, resiste, se atualiza e se reafirma com dignidade e força.

Apartir das entrevistas e da observação participante, confirma-se que o ritual contribui diretamente para a educação cultural das novas gerações, funciona como instrumento de fortalecimento identitário e territorial. A festa atua como espaço-tempo de aprendizagem e valorização da ancestralidade, onde

os saberes das mulheres mais velhas são transmitidos às jovens, e reafirma a centralidade feminina na preservação da cultura Tikuna.

Entende-se, portanto, que a Festa se configura como patrimônio cultural imaterial de valor inestimável, cuja preservação é fundamental para a manutenção da diversidade cultural brasileira. Valorizar essa celebração significa respeitar os modos de vida indígenas, reconhecer seus direitos culturais e contribuir para a luta contra a invisibilidade e a homogeneização cultural.

A pesquisa, revelou a profundidade simbólica do ritual e aponta para a necessidade urgente de políticas públicas que apoiem, fortaleçam as culturas ancestrais, e garantam aos povos indígenas as condições necessárias para manterem vivas suas práticas e saberes. A Festa da Moça Nova ensina, emociona e convoca à escuta atenta das vozes ancestrais (que ecoam nas danças, nas cantorias, nos alimentos e nos corpos pintados, reafirmam, a cada celebração, a presença viva da cultura Tikuna em seu território).

A análise do ritual Tikuna demonstra o complexo sistema de comunicação e performance. Os grafismos corporais, por exemplo, não são meros adornos; são textos visuais que narram mitos, marcam o status social da inicianda e invocam a proteção dos espíritos ancestrais. Da mesma maneira, os cantos e as danças, executados com rigor e emoção, estabelecem a ponte entre o mundo material e o espiritual, com o sentido de garantir a ordem cósmica e a prosperidade da comunidade. A Festa, nesse sentido, é a expressão da cosmogonia Tikuna, com representações sacralizadas que reitera as alianças com a natureza e com o mundo invisível.

A continuidade da Festa da Moça Nova, apesar dos desafios impostos pela modernidade, pela pressão do contato e pelas transformações socioeconômicas, é um testemunho da resiliência cultural do povo Tikuna. A capacidade de adaptar o ritual, incorporar novos elementos sem perder sua essência estrutural, demonstra a agência cultural ativa. Essa vitalidade é a maior garantia da perpetuação de sua identidade e serve de inspiração para a reflexão sobre o papel das culturas originárias/tradicionais no contexto contemporâneo. A Festa não se traduz como evento estático do passado, é algo vivo, como ato contínuo de criação cultural, profundamente enraizado no presente e voltado para o futuro.

Conclui-se que a Festa da Moça Nova é prática cultural que condensa valores educativos, espirituais e identitários do povo Tikuna. Seu reconhecimento como patrimônio imaterial reforça a importância da escuta das vozes indígenas e da valorização das suas cosmologias. Reforça-se a necessidade de políticas públicas de salvaguarda que contemplam o protagonismo indígena na gestão do patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA SILVA, Adnilson de. **Territorialidades e identidade dos coletivos Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia:** “Orevaki Are” (reencontro) dos “marcadores territoriais”. Curitiba, 2010. 301p.
- ALMEIDA SILVA, Adnilson de; MARETTO, Luís Carlos; MEDEIROS, Adriana Francisca de; CARDOZO, Ivaneide Bandeira; SURUÍ, Almir Narayamoga; FLORIANI, Nicolas. Ritual Mapimai: criação do mundo dos Paiter Suruí. **Espacio Regional**, v. 2, n. 10, p. 13-32, jul./dez. 2013.
- ARANTES, Antônio Augusto. **Patrimônio cultural e cidadania**. Campinas: Papirus, 2000.
- BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. **O índio brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2016.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2015.
- DÁVILA, Rosária Torres. **Entrevista 1.** Comunidade Santa Rosa. Tabatinga: abril de 2025.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARETTO, Luís Carlos; SURUÍ, Almir Narayamoga; ALMEIDA SILVA, Adnilson de. Ritual Mapimai – A Festa de Criação do Mundo dos Paiter Suruí. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 9, n. 1, p. 163-182, abr. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, nº 10, p. 7–28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- TIKUNA, Marizane Lobato Bernaldo. **Entrevista 2.** Comunidade Santa Rosa. Tabatinga: abril de 2025.
- TURNER, Victor. **O processo ritual:** estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 2013.